

Rorschach e Pedofilia: A Fidedignidade no Teste-Reteste

Silvana Alba Scortegagna

Universidade de Passo Fundo
Passo Fundo, RS, Brasil

Anna Elisa de Villemor-Amaral

Universidade São Francisco, Itatiba, SP, Brasil

RESUMO

Esse estudo buscou investigar as características de personalidade de um indivíduo pedófilo, e evidenciar a fidedignidade do Rorschach no teste-reteste. O participante, com 38 anos de idade, masculino, respondeu a entrevista e ao método de Rorschach, em duas etapas. Os principais achados revelam: a) uma tendência à fragmentação na percepção de si e dos outros; b) autoimagem negativa e desfavorável em relação ao corpo e suas funções; c) problemas nas relações interpessoais, falhas na capacidade de empatia; d) *déficit* no ajustamento perceptivo da realidade; e) vulnerabilidade a pressões subjetivas e impulsividade. Esses resultados mantiveram-se estáveis comparando-se as duas aplicações, permitindo ampliar a compreensão dos elementos psicológicos envolvidos na pedofilia, que se mantem, e apoiam a fidedignidade do Rorschach no teste-reteste.

Palavras-chave: Medidas projetivas da personalidade; Pedofilia; Precisão do teste.

ABSTRACT

Rorschach and Pedophilia: A Reliability at Test-Retest

The present study aimed to investigate the personality characteristics of a pedophile, and to make evident the Rorschach's reliability at the test-retest. The participant, a male of 38 years old, answered to the interview and the Rorschach's test, in two steps. The main findings revealed: a) a tendency to fragmentation in the perception of himself and others; b) negative and unfavourable self image related to the body and its functionalities; c) problems in interpersonal relationships, lacks in empathy capabilities; d) deficits in the perceptive adjustments of reality; e) vulnerability to subjective pressures and impulsivity. These results kept stable when comparing two applications, allowing to further increase the comprehension of the psychological elements involved in pedophilia, that showed to be sustained, and support the reliability of the Rorschach at test-retest.

Keywords: Projective personality measures; Pedophilia; Test reliability.

RESUMEN

Rorschach y Pedofilia: La Confianza en el Test-Retest

Ese estudio ha buscado investigar las características de personalidad de una persona pedófila, y dejar clara la fidedignidad del Rorschach en test-retest. El participante, con edad de 38 años, del sexo masculino, contestó la entrevista y al método de Rorschach en dos etapas. Los resultados indican: a) una tendencia a la fragmentación en la percepción de uno mismo y de los otros; b) autoimagen negativa y desfavorable en relación al cuerpo y sus funciones; c) problemas en las relaciones interpersonales, fallas en la capacidad de empatía; déficit en el ajuste perceptivo de la realidad; e) vulnerabilidad a las presiones subjetivas e impulsividad. Esos resultados se mantuvieron estables al comparar con las dos aplicaciones, permitiendo ampliar la comprensión de los elementos psicológicos relacionados a la pedofilia, que se mantienen, y apoyan la confianza del Rorschach en el test-retest.

Palabras-clave: Medidas proyectivas de la personalidad; Pedofilia; Eficiencia del test.

O uso de testes de manchas de tinta é um componente essencial na avaliação psicológica de indivíduos que respondem por acusações de abuso sexual, ou que a comprovação já foi estabelecida. A natureza ambígua desses instrumentos, possibilita a análise mais confiável e profunda da estrutura da percepção e dos aspectos simbólicos envolvidos nas respostas, em um contexto em que as tentativas de manipulação e a simulação são frequentes.

Nessas circunstâncias, o método de Rorschach é um dos instrumentos mais eficazes ou sensíveis para detectar a psicopatologia. O instrumento é capaz de transpor os vieses, falso positivo e/ou falso negativo, como resultado das respostas emitidas em testes de autorrelato, o que lhe tem conferido além de evidências de validade, a fidedignidade necessária para dar suporte às demandas de contextos mais adversos (Grossman, Wasyliv, Benn e Gyoerkoe, 2002).

Entre os estudos de Exner, Armbruster e Viglione (1978), de estabilidade temporal, os estilos singulares de respostas emitidas no Rorschach mantiveram-se consistentes no transcorrer de administração repetidas. Por meio do teste-reteste, com 100 adultos não pacientes, os autores perceberam que a maioria das 19 variáveis, estudadas exibiram consistência temporal, em um intervalo de três anos. As variáveis que demonstraram diferenças na consistência temporal foram classificadas em dois grandes grupos, as altamente estáveis ao longo do tempo, e as consideravelmente instáveis ao longo do tempo.

O primeiro grupo, conceitualizado como estilos de respostas básicas da personalidade ou traços, tende a permear grande parte do comportamento. O segundo grupo, representa característica menos estáveis ao longo do tempo, configurando-se em tendências de respostas que ocorrem sob dadas condições ou estados, em situações incomuns de estresse. Por exemplo, respostas de movimento não-humano (FM+m) e de sombreado (C'+Y+T+V) são variáveis menos consistentes ao longo do tempo, e indicam as características de estado. O movimento humano (M) e quatro das cinco proporções analisadas demonstraram mais estabilidade ao longo do tempo: estilo de vivência (EB), experiência efetiva e estimulação sentida (EA:es), Forma-Cor (FC:CF+C), movimento ativo e passivo (a:p). A experiência de base (eb), em comparação com as quatro proporções, demonstrou variações consideráveis na estabilidade temporal.

Outras variáveis, também, demonstraram estabilidade ao longo do tempo, a frequência de Z (Zf), as respostas Forma pura (F) e a proporção de respostas de Forma (L), as respostas de precisão perceptual (X+%) e o índice de egocentrismo (3r+(2)/R) (Exner, 1974, Exner

e cols., 1978). O que foi designadamente evidenciado é que quando a estabilidade é baixa, o construto pode ser atribuído ao um estado e, contrariamente, quando a estabilidade é alta, pode-se dizer que se está tratando de um traço.

Gronnerod (2003), ao comparar os diversos sistemas do Rorschach, constatou níveis mais altos de confiabilidade no Sistema Compreensivo SC (Exner, 2003). O estudo indicou que um número maior de participantes está associado com níveis mais altos de estabilidade, e períodos mais longos de reteste foram associados com níveis mais baixos. As variáveis de frequência de resposta (R), somatório de respostas de cor-forma e cor pura (CF+C), sombreado difuso (Y) exibiram maior estabilidade em períodos de reteste, sendo ainda que CF+C e Y foram associadas com níveis mais elevados de confiabilidade em amostras de não pacientes, e percepção convencional (X+%) foi mais estável em amostras de pacientes com esquizofrenia.

Em estudo recente, Sultan e Meyer (2009) buscaram determinar em que extensão a frequência de respostas R pode afetar os níveis de estabilidade dos escores do Rorschach SC (Exner, 2003), em não pacientes. Para atingir o objetivo examinaram todas as variáveis da seção inferior do sumário estrutural, ou seja, as que têm maior impacto sobre o processo de interpretação. Níveis altos de estabilidade foram encontrados nas variáveis estimulação sentida (es), proporção Forma-Cor (FC:CF+C) e frequência da nota Z (Zf), sendo esta última rebaixada quando a média da frequência de respostas foi maior. Os autores concluíram que o impacto da produtividade denotou importância, com alta produtividade impactando negativamente a estabilidade dos escores do Rorschach.

Esses achados foram complementares com o estudo de Exner (1988) em que o impacto da frequência de R foi claro e independente de qualquer limite. Os resultados também conduziram a uma visão importante e útil: o problema não é aumentar o número de respostas, pois isso também pode prejudicar a estabilidade, mas limitar a produtividade, pelo menos nos registros válidos (R>14).

Desse modo, as pesquisas mostram que os traços de personalidade permanecem visíveis ao longo do tempo. Esse dado é particularmente importante nos casos sobre os quais recai o foco principal desse estudo. De uma maneira geral, em processos judiciais de longa duração, como em casos criminais, é importante poder argumentar em que medida determinadas características tendem a se manter estáveis, contribuindo para a argumentação de que os achados não se referem exclusivamente a um momento específico, ou aos efeitos decorrentes unicamente da

situação de avaliação no início do processo, como no caso do estresse situacional. Além disso, nos casos de revisão de processo ou de penas com novos exames, haveria mais segurança, novamente, no que diz respeito às tentativas de manipulação, como também, de verificação de eventuais mudanças significativas que condutas terapêuticas tenham se produzido.

Mas, há, ainda, outras questões que preocupam os profissionais que buscam conhecer o funcionamento psíquico e psicopatológico do abusador, além da qualidade das medidas. Entre elas, destacam-se a inexistência de um tipo psicológico de violador sistemático, constatada nos escassos estudos com esses indivíduos (Erickson, Luxenberg, Walbek e Seely, 1987; Rodriguez e Fernández-Sastrón, 2000).

Ao invés de um perfil claramente patológico, tem-se observado a presença de indicadores relativamente comuns, tais como a ansiedade, a baixa autoestima, o autovalor distorcido, a impulsividade e múltiplos problemas nas relações interpessoais (Hall, Graham e Shepard, 1991; Hall, Shepard e Mudrak, 1992). Outras evidências assinalam a incapacidade de lidar com as emoções, especialmente a raiva, o humor disfórico, os sentimentos de desamparo e de vulnerabilidade, incluindo-se, ainda, as dificuldades identificatórias de gênero e os problemas nos relacionamentos com os outros, notadamente nos casos de pedofilia (Hall, 1996; Marshall e Barbaree, 1990; Marques e Nelson, 1989; Williams e Finkelhor, 1990).

O foco parafilico da pedofilia envolve a atividade sexual com crianças. Estas atividades incluem despir, observar, penetrar na boca, no ânus, na vagina da criança com os dedos, objetos estranhos ou pênis. Para circunscrever melhor este transtorno o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais DSM-IV-TR (APA, 2003), assinala a presença de: a) fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos ou atividades sexuais com uma, ou mais de uma, criança pré-pubere por, no mínimo, seis meses; b) sofrimento significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas da vida do indivíduo decorrentes das fantasias, impulsos ou atividades sexuais; c) idade mínima de 16 anos e, no mínimo, cinco anos mais velho que a vítima. Entretanto, devido à natureza ego-sintônica da doença, indivíduos com comportamentos pedofilicos podem não experimentar sofrimento, não sendo este critério necessário para um diagnóstico. O curso da doença, em geral, é crônico e a frequência do comportamento costuma flutuar de acordo com o estresse psicossocial.

Muitos estudos discorrem sobre os *déficits* que os pedófilos apresentam na adaptação social e no estabelecimento de relações interpessoais (Overholser

e Beck, 1986; Stermac e Quinsey, 1985). Marshall, Hudson e Hodgkinson (1993) sugerem que devido a vínculos instáveis e de não confiança com seus pais, eles falham em desenvolver relacionamentos íntimos na idade adulta. A maior parte deles refere que não teve um amigo próximo na infância e adolescência (Saunders, Awad e White, 1986; Tingle, Barnard, Robins, Newman e Hutchinson, 1986). Essa privação inicial pode ser um dos determinantes que incidem na incapacidade posterior de estabelecer relações de intimidade (Deisher, Wenet, Paperny, Clark e Fehrenback, 1982; Overholser e Beck, 1986; Segal e Marshall, 1985).

Aliado a isso, e tomando-se o segundo ponto, as investigações sobre as características de personalidade dos pedófilos com a utilização do Rorschach, revelam vários aspectos. Tardif e Van-Gijsegem (2001) mencionam que eles possuem uma estrutura de identidade mais frágil, e níveis de introversão social mais elevado, quando confrontados aos agressores não sexuais. Nessa comparação, Bridges, Wilson e Gacono (1998), reiteram que os pedófilos apresentam sentimentos de vulnerabilidade e de desamparo (*Ye m*), introspecção dolorosa (*V*), um senso de si mesmo depreciado (*V, Y, m* ou *MOR*), distúrbios de personalidade narcisista (*Fr+rF*), padrões de apego danificados ($T=0$ ou $T>I$), e necessidades primitivas de dependência (*Fd*). As relações interpessoais são marcadas por objetos parciais ou humanos descaracterizados [$(H)+Hd+(Hd)$], com visão distorcida dos outros (*M-*); e moderados deslizos cognitivos (*WSum6*).

Em estudo posterior Gacono, Meloy e Bridges (2000), confirmam alguns dos achados referidos. Eles ratificaram a presença de afeto disfórico (*V, DEPI*), escassos interesses pelos outros (*H*), e formas primitivas de conduzir a sexualidade (*FM, FD, T*) comumente encontrada nos pedófilos. Importante destacar, que os escassos interesses pelos outros (*H*) estão fundamentados mais na imaginação do que na realidade [$H<Hd+(H)+(Hd)$] e, que esta, apresenta-se contaminada pela desordem do pensamento (*WSum6*), pelo prejuízo no teste de realidade (*X-%*), e pela presença de um narcisismo patológico, como já observado.

Os pesquisadores entendem que o universo psíquico dos pedófilos é mais imaturo, caótico e distorcido (Bridges e cols., 1998; Gacono e cols., 2000). Para eles, a preponderância de suas narrativas de elementos de desenhos de ficção científica, e contos de fada, em conteúdos humanos no Rorschach, sugerem uma identificação narcisista com crianças, e com personagens relacionados à infância. Notam-se, então, suas necessidades e desejos de gratificação da

sexualidade por meio de objetos infantis e de crianças. É necessário, ainda, acrescentar que os perceptos pára-humanos ou partes de humanos, comum nesses indivíduos, são consistentemente descritos com um nível *borderline* de personalidade.

Outra questão a ser considerada é a introversão e a tendência a uma ruminação disfórica, que distinguem os pedófilos dos psicopatas sem histórias de abusos sexuais (Bridges e cols., 1998). Se, por um lado, esses últimos são caracterizados mais com uma dinâmica psíquica livre de arrependimento, sem conflito, o que contribui para os atos de violência, por outro, essa diferença contribui para a ausência de violência nos pedófilos. Entretanto, na comparação entre os outros dois grupos, de psicopatas e de perpetradores sexuais homicidas Gacono e cols. (2000) verificaram que os pedófilos sentem mais raiva ($S-\uparrow$). Pode-se supor que essa seja motivada pela sua inadequabilidade, seu estilo menos aloplástico (atuador), e a inabilidade introspectiva para gratificar suas necessidades, mesmo que por meio de condutas antissociais.

Ainda, na comparação entre os grupos de psicopatas e perpetradores sexuais homicidas, os pedófilos foram mais suscetíveis ao afeto negativo ou a um senso de si mesmo danificado ($V>0$, $Y>1$, $m>1$, $MOR>1$) no contexto de suas defesas narcisísticas falhas, como também referido no estudo de Bridges e cols. (1998). O narcisismo falho pode parcialmente ser responsável pela dependência dos pedófilos na gratificação de sua sexualidade por meio das crianças (Gacono e cols., 2000). Para os autores, em um nível pré-consciente, os pedófilos não psicopatas estão cientes de que a sua grandiosidade é uma farsa. Os sentimentos de um si mesmo danificado e de incapacidade contribuem para a sua inabilidade para administrar, suportar ou resolver complexidades inerentes ao desenvolvimento, e a manutenção de um relacionamento adulto íntimo.

Com propósito similar, Jimenez Etcheverría (2009) procurou determinar as características psicológicas de delinquentes sexuais em comparação com os dados de referência nacional, e de delinquentes sexuais em confrontação com um grupo de delinquentes comuns. Os dados apontaram diferenças significativas entre o primeiro grupo, com valores menores para: frequência de respostas (R), respostas ordinárias (DQo), precisão perceptual ($X+\%$), movimento humano ativo (Ma), figuras humanas reais vistas de corpo inteiro (H), detalhe para-humano (Hd), detalhe humano Hd, soma de sombreado difuso (SumY), soma ponderada de cor (WSum C), Forma-Cor (FC) Cor-Forma (CF), experiência efetiva (EA), respostas personalizadas (PER) forma pura (F), proporção de respostas de Forma (L).

Estes resultados sugerem pouca motivação para realizar a tarefa, dificuldades no ajuste perceptivo, falta de empatia ou limitada capacidade para reconhecer as necessidades dos outros e, de adaptação ao entorno, menor tendência a experimentar ansiedade, constrição afetiva e recursos insuficientes para o desenvolvimento de habilidades sociais, para formular decisões e implementá-las frente as demandas vivenciadas. Os delinquentes sexuais, deste grupo, não demonstraram defensividade e tendência a simplificar a informação da realidade.

No segundo grupo, de delinquentes sexuais e de delinquentes comuns, os delinquentes sexuais apresentaram elevações em: respostas sintetizadas (DQ+), frequência de Z (Zf), resposta de forma inusual (Xu%), resposta global (W), movimento passivo (p), vestimenta (Cg), respostas personalizadas (PER), conteúdo idiossincrático (Id). Isso indica que este grupo difere dos dados normativos e dos delinquentes comuns, com destaque para a alta motivação ante a tarefa, uma percepção marcada por pontos de vista muito pessoais, e um tipo de compreensão da realidade que busca abarcar o todo, o qual implica na carência de enfoque prático e eficiente na resolução de problemas.

Do exposto até aqui, constatam-se poucos estudos estrangeiros com o Rorschach na investigação da personalidade de indivíduos pedófilos. No Brasil, esses estudos são ainda mais escassos e contam com o método de escolha geral o clínico qualitativo com estudos de casos. Nessa perspectiva, Rossetto e Schubert (2000) avaliaram a personalidade de um homem, com traços sádicos de cunho pedofílico. Os principais achados revelam a ausência de M e $H<pH$, alusivos de conflitos ou empobrecimento nas relações interpessoais, dificuldades em apreciar o outro em sua totalidade, relacionando-se com aspectos parciais e isolados; presença de fantasias infantis (m), reações afetivas primárias ($CF+C>FC$) indicativos de instabilidade emocional, irritabilidade e falta de objetividade no contato com o meio ($\%F+\downarrow$).

Em um contexto mais geral, Pasqualini-Casado, Vagostello, Villemor-Amaral e Nascimento (2008) averiguaram as características de personalidade de três adultos masculinos, encarcerados pelos estupros de suas filhas biológicas. Os resultados evidenciam diferenças psicológicas estruturais entre os participantes, mas, em comum, confirmam a escassez de recursos subjetivos aplicados à percepção de si mesmos e à percepção do outro, dados que foram convergentes com os retratados na literatura.

Embora cada perpetrador sexual apresente sua própria personalidade e circunstâncias biográficas e não se constitua em um grupo homogêneo, algumas

características podem surgir com maior evidência. Visto a partir desse enfoque, e considerando a escassez de estudos nessa área, as consequências negativas que tal carência acarreta para manter o caráter científico da avaliação psicológica, o objetivo desse trabalho foi investigar as características de personalidade de um indivíduo pedófilo com base nas características de personalidade mais típicas, e demonstrar a fidedignidade do Rorschach no teste-reteste, bem como a sua estabilidade temporal.

MÉTODOS

Participante

Trata-se de um homem de 38 anos de idade, divorciado, comerciante, com ensino fundamental completo e nível socioeconômico médio-baixo, denunciado por pedofilia contra sua filha primogênita, desde o seu nascimento. O diagnóstico de pedofilia foi realizado por um médico psiquiatra, e seguiu os critérios do DSM IV-TR (APA, 2003). O participante foi escolhido aleatoriamente.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram: a) A entrevista semidirigida, para coletar dados sociodemográficos e caracterizar a ocorrência do abuso sexual; b) O Método de Rorschach SC (Exner, 2003), para investigar as características de personalidade e verificar a fidedignidade no teste-reteste. Para tanto, considerou-se as seguintes variáveis e hipóteses interpretativas:

- a) *Índice de egocentricidade, EgoIndex*; repostas de reflexo, *Fr+rF*; repostas de forma dimensão *FD*; conteúdos mórbidos *MOR*; repostas de vista, *V*. Variáveis que podem estar associadas à autopercepção distorcida e baixa autoestima.
- b) Respostas de conteúdos alimentares, *Fd*; repostas de sensações táteis, *SumT*; relações entre figuras humanas completas, *H* e figuras humanas parciais, *Hd* e pára-humanas, (*H*) e (*Hd*); repostas de movimentos humanos *M*. Variáveis que podem informar um relacionamento e percepção interpessoal prejudicados.
- c) Respostas que transgridam a realidade, *X-%*; total de repostas de qualidades formal convencional, *X+%*, e de forma pura com qualidade formal positiva, *F+%*; repostas incomuns sem distorções perceptivas, *Xu%*. Indicadores que podem demonstrar as dificuldades no ajustamento perceptivo e na adequação à realidade.
- d) Respostas de sombreados difusos, *Sum Y*; repostas de movimentos inanimados, *m*; repostas

de movimento animal, *FM*; *Notas D e AdjD*. Variáveis que podem sugerir a presença de vulnerabilidade, de pressões subjetivas e de impulsividade.

Procedimentos

Para realização deste estudo obteve-se a carta de autorização dos responsáveis pelas instituições carcerárias, e pelos serviços que oferecem assistência às vítimas de violência e aos agressores, localizadas no interior do estado do Rio Grande do Sul. Na sequência, o protocolo de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética (CEP 110/2009). De posse desses documentos, o contato com o participante deu-se nas dependências de uma das instituições sediadora da pesquisa por encaminhamento da equipe de trabalho.

Ao participante foram expostos os objetivos e os procedimentos da pesquisa e mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, procedeu-se a administração dos instrumentos. Esta foi conduzida em duas etapas, enquanto o mesmo respondia pela acusação judicialmente, no ano de 2009 e de 2010, em um intervalo de 11 meses. No primeiro encontro, realizou-se a aplicação do Rorschach (Exner, 2003) seguindo-se com a entrevista semidirigida. No encontro seguinte, efetuou-se o reteste, quando o participante com 39 anos de idade, realizava atendimento psicoterápico há cerca de um ano.

Os instrumentos foram administrados pela autora principal do trabalho, em uma hora e trinta minutos, em cada etapa. Para que as análises das variáveis do teste e do reteste pudessem ser desenvolvidas com maior confiabilidade, os protocolos foram codificados pelas duas pesquisadoras. As codificações foram inseridas no programa RIAP™ 5 e os escores gerados foram confrontados com os referenciais normativos das cidades do interior de São Paulo (Nascimento, 2002). Por fim, a interpretação dos achados considerou a análise qualitativa das respostas e os dados da literatura.

RESULTADOS

Primeiramente serão expostos os dados da entrevista semidirigida. Na sequência apresentam-se as comparações dos escores das variáveis do método de Rorschach.

O participante é o caçula de uma prole de quatro filhos, duas meninas e dois meninos, sendo que seu irmão faleceu quando era criança. Na infância e adolescência sempre foi muito quieto, teve poucos amigos e somente uma namorada, sua ex-mulher. Casou-se aos 24 anos e teve três filhos, duas meninas e um menino. Sua filha primogênita está com 14 anos,

o menino com quatro e a menina mais nova com dois anos de idade.

Sobre o abuso sexual relata que desde que sua primeira filha nasceu, sempre cuidaram dela de uma forma mais livre, permitindo beijos na boca e carícias no corpo como, por exemplo, nas nádegas. Refere que com o passar dos anos a situação tornou-se incontrolável e, cada vez mais, tinha necessidade de abraçá-la e tocá-la sexualmente. Relata que isso foi crescendo como um animal, fazendo-o sentir-se com total perda de controle. Para manter a situação agia de forma coercitiva, ameaçava à menina dizendo que se esse segredo fosse revelado, sua mãe, além de desacreditá-la, ficaria muito triste e desapontada. Entretanto, embora quisesse manter o segredo, frequentemente, sonhava com a menina chamando-a pelo nome.

A revelação do abuso foi conduzida por sua filha, na adolescência. A notificação legal ocorreu um ano antes da primeira avaliação, pela ex-esposa. A partir de então, foi afastado da família e passou a responder processo judicial. Atualmente, reside em uma hospedaria, mas repetidamente e contrariando a lei, atende ao chamado de sua ex-esposa para solucionar problemas domésticos. Passa os fins-de-semana com a família, pernoita na casa, o que traz preocupações à filha mais velha, sobretudo com a proteção de sua irmã de dois anos de idade.

Por encaminhamento de sua ex-esposa, iniciou atendimento psicoterápico individual e familiar, com frequência semanal, com o objetivo de voltar a residir com a família e impedir o seu encarceramento. Todavia, ao completar-se quase um ano de psicoterapia e, posteriormente à administração do reteste, o perpetrador foi detido em uma penitenciária, cumprindo-se o seu mandato de prisão por ordem judicial. A seguir, na Tabela 1 podem ser visualizadas as comparações dos escores das variáveis do Rorschach no teste e no teste-reteste.

Na comparação entre as variáveis do Rorschach no teste e no reteste verifica-se que na autopercepção e no relacionamento interpessoal houve uma diminuição no reteste das respostas de conteúdo mórbido *MOR* (11;7), de comida *Fd* (4;1), e do somatório das respostas textura *Sum T* (2; 0), o que fez com que as variáveis *Fd* e *Sum T*, na segunda administração, ficassem na média normativa brasileira.

Já as respostas de conteúdo humano completas *H* (0,0; 0,0) e de movimento humano *M* (0,0; 0,0) mantiveram-se rebaixadas no teste, no reteste, na comparação com os indicadores nacionais, e foram inexistentes. Verifica-se, ainda, uma menor proporção de respostas de conteúdos humanos inteiros $H < (H) + Hd + (Hd)$ (0;1;0;1), nas duas avaliações.

TABELA 1
Comparações dos escores das variáveis do Rorschach no teste e no teste-reteste e, com as normas brasileiras de cidades do interior de São Paulo

Variáveis do Rorschach	Nascimento (2002)			
	Teste	Teste-reteste	(N 209)	
			M	DP
Autopercepção				
3r(2)/R	0,31	0,31	0,40	0,17
Fr+rF	0	0	0,40	0,75
FD	0	1	0,55	0,81
MOR	11↑	7↑	1,03	1,27
Sum V	0	1	0,24	0,51
Relacionamento e Percepção Interpessoal				
Sum T	2↑	0	0,50	0,79
Fd	4↑	1	0,33	0,63
H	0↓	0↓	1,82	1,50
(H)	0	0	0,69	0,87
Hd	1	1	1,20	1,20
(Hd)	0	0	0,50	0,75
M	0↓	0↓	2,62	1,92
Sx	1	0	0,21	0,61
Ajustamento Perceptivo				
X+%	0,31↓	0,13↓	0,51	0,12
Xu%	0,26	0,38	0,28	0,11
X-%	0,36↑	0,50↑	0,20	0,10
F+%	0	0	0,04	0,22
Pressão Interna e Autocontrole				
Sum Y	3	1	1,78	2,08
m	6↑	6↑	1,39	1,39
FM	4↑	6↑	3,44	2,33
Nota D	-4↓	-5↓	-1,07	1,57
Adj D	-1↓	-3↓	0,5	1,25

↑ = elevação do índice; ↓ = queda do índice conforme as expectativas normativas.

No ajustamento perceptivo constata-se um rebaixamento no percentual da qualidade formal convencional *X+%* (0,31; 0,13) no teste e no teste-reteste e, na comparação com as médias brasileiras. Contrariamente, houve um aumento na qualidade formal distorcida *X-%* (0,36; 0,50), na comparação dos resultados das duas administrações do Rorschach e em relação aos indicadores nacionais.

Na avaliação do autocontrole e dos estímulos internos constata-se em ambas as aplicações um aumento das respostas de movimento animal *FM* (4; 6); das respostas de movimento inanimado *m* (6; 6) e do somatório de *FM+m* (10;12). Os indicadores de estresse na *Nota D* (-4; -5) e *AdjD* (-1; -3) mantiveram-se abaixo da média normativa.

Outras variáveis que não foram elencadas para avaliar as características de personalidade do indivíduo pedófilo, mas que podem enriquecer a análise

interpretativa e refletir a confiabilidade do Rorschach, sustentaram coerência temporal. Entre essas, destacam-se: estilo de vivência $EB=M:WSumC$ (0:7,0; 0:5,0), proporção experiência efetiva e estimulação sentida $EA:es$ (7,0:19; 5:19), proporção forma cor $FC:CF+C$ (3:5; 4:3), proporção movimento ativo e passivo $a:p$ (3:7; 3:9). A frequência de respostas R (19; 16), Zf (9; 9), o somatório de sombreado $C'+T+V+Y$ (9; 7), e o índice de egocentrismo $3r(2)/R$ (0,31; 0,31). As pontuações referem-se a primeira e a segunda administração, respectivamente.

DISCUSSÃO

As variáveis da autopercepção indicaram uma elevação das respostas de conteúdo mórbido MOR . Os resultados são sugestivos de que o participante deste estudo apresenta uma autoimagem negativa e desfavorável em relação ao corpo e suas funções, o que pode estar contribuindo para incrementar a presença do afeto disfórico. De qualquer modo, ocorreu uma redução desse tipo de resposta na reaplicação do Rorschach, ainda que mantendo-se o valor elevado em relação à media normativa.

Isso sugere que em uma situação de contenção da ação pode ter ocorrido uma leve melhora nos sentimentos de autodesvalorização sem, contudo, eliminar tais sentimentos. Esses achados confirmam as hipóteses iniciais deste estudo e são consistentes com outras pesquisas (Bridges e cols., 1998; Gacono e cols., 2000). Para melhor compreensão desses dados, segue a transcrição de uma das respostas MOR produzida no teste e, outra, no reteste.

Na primeira aplicação, o participante expôs: *parece um bicho com uma mancha vermelha. Parece que ta pingando sangue aqui, um desenho feio, não gostaria de ter na parede da minha casa. Desenho muito estranho, nunca vi esse tipo de desenho. Parece que ta jorrando alguma coisa, que ta explodindo sangue, tem alguma coisa dentro do desenho, parece a cabeça de uma cobra, tem olho, boca, saindo... uma entrada e uma saída e nessa saída ta saindo sangue, parece terrível, não gosto de olhar para essa foto, coisa confusa. Acho horrível olhar para isso, parece que ta explodindo sangue de dentro do bicho por causa do vermelho, parece uma doença no pulmão, ruim esse desenho, tem essas manchas vermelhas que sai sangue.* (Prancha II, segunda resposta).

Na segunda aplicação do teste, ele disse: *parece um bicho em decomposição que apodreceu, um peixe com a cabeça de um tamanduá em decomposição. Um peixe com a cabeça de um tamanduá podre, carne de peixe se estragando e aqui a cabeça de tamanduá*

junto, confuso, parece que foi cortado no meio, que foi aberto, podre, por causa da cor, cor de carne de peixe, carne branca, e aqui em cima tem pelo porque parece um focinho de tamanduá, aqui em cima já aparece os braços de tamanduá podre, porque é acinzentado e preto, ta escuro, parece que ta se espedaçando. No meio parece um osso, um esqueleto do bicho, todo estragado, podre, ta nojento esse desenho! (Prancha IV, sexta resposta).

Quanto ao relacionamento interpessoal, a distorção da autoimagem [$H < Hd + (H) + (Hd)$] pode ser representativa da percepção que tem a seu próprio respeito e dos demais, demonstrando claramente o quanto se mantém incapaz de formular uma visão realística e integrada de si e dos outros *carne de peixe se estragando e aqui a cabeça de tamanduá junto, confuso*. Constatou-se, a incapacidade de apreender o corpo em sua integridade e a presença de angústia de fragmentação, um senso de si mesmo danificado, *parece que foi cortado ao meio*. A preponderância das respostas de detalhe humano sobre as de humano total ($Hd > H$) são sugestivas de um funcionamento psíquico mais arcaico e precário tanto sobre a noção de si quanto da representação de objeto. Esses resultados ratificam as proposições de Bridges e cols. (1998) e Gacono e cols. (2000) e, também, sustentam as hipóteses deste estudo.

As únicas duas respostas emitidas com conteúdo humano foram caracterizadas por humanos parciais Hd e ocorreram na prancha VII, na nona resposta, tanto no teste quanto no reteste. Chama a atenção, à qualidade de ambas as respostas que envolvem conteúdos parciais relacionados às crianças.

Na primeira administração, o participante disse: *parecem duas cabeças, duas bocas, cabelo erguido de criança, braço ou asas, pode ser um anjo. Duas cabeças de criança, não gostei, mistura criança com bicho. Tem o cabelinho erguido pra cima amarrado, porque eu tenho uma filha pequena e ela amarra o cabelo assim. Parece que tavam pulando, o cabelo tá pra cima, tem olho, nariz, boca, pescoço.* (Prancha VII, nona resposta).

A precária diferenciação do self-objeto e a contaminação do pensamento, características do processo primário *mistura criança com bicho*, comuns nos pacientes *borderline*, são francamente evidenciadas. Prevalece à confusão dos personagens, as relações simbióticas, a indiferenciação entre sujeito e objeto, a ausência de continuidade no sentimento de existir o que, novamente, testemunha uma identidade mal diferenciada. Acrescenta-se ainda, a visão fantasiosa da criança e sua ambivalência em relação à mesma, que ora pode ser anjo (filha) e ora pode ser bicho (objeto sexual).

Na resposta à segunda aplicação do Rorschach, o participante mencionou: *bem confuso, parece a cabeça de um porco com dente, um bicho. Em cima, a cabeça de uma criança com o cabelo erguido, amarrado pra cima. Tão emendado aqui e os dois são iguais. To vendo dente, tem um focinho, o olho, a orelha, feio, malvado, brabo, por causa dos dois dentes, tá querendo morder, um porco monstrinho, de outro mundo, assustador. Da orelha do porco surge uma cabeça de criança.* (Prancha VII, nona resposta).

Embora com características diferentes na verbalização, o conteúdo que une criança com bicho permanece, mas com uma conotação bem mais destrutiva, *assustador*. Menos fundidas as imagens, pois agora *tão emendados* enquanto antes era *mistura de criança com bicho*, na imagem distorcida e fabulada de *da orelha do porco surge uma cabeça de criança*, aparece de modo bem mais explícito o caráter ameaçador dos instintos.

Outros indicadores que convergem e apoiam esses resultados, ou seja, a capacidade relativa do participante de apreensão da realidade, de diferenciar as imagens de si e as imagens do objeto, é a inexistência de respostas de movimento humano *M* nos protocolos. A presença das respostas de *M* sugerem um nível alto de diferenciação e síntese das funções perceptivas e cognitivas, ou seja, de expressões de juízo intelectual, da capacidade de sentir empatia pelo semelhante, o que possibilita boas relações com o objeto, e em uma adequada integração da personalidade. São indicativas de uma personalidade madura, de um ego forte e integrado e sua ausência revela uma fragilidade nos processos de identificação.

As respostas de *M* relacionam-se ainda, com uma percepção altamente diferenciada, um fator de controle significativo sobre a conduta, na capacidade de retardar a descarga de tensão já que a maior variedade e atividade da linguagem estaria acompanhada por uma melhor diferenciação da organização da personalidade. Sua ausência implica impulsividade perigosa e um mau prognóstico terapêutico, além de ser um índice de gravidade comum encontrado em delinquentes encarcerados (Jimenez Etcheverria, 2009; Rossetto e Schubert, 2000). Observa-se que mesmo considerando os limites de 11 meses de psicoterapia, não foi possível observar nenhuma alteração nesse determinante, prevalecendo no participante a falta de identificação com os demais e a precária noção de identidade, características dos pacientes *borderline*. A estabilidade temporal deste indicador corrobora com estudo anterior (Exner e cols., 1978) e revela uma importante característica do participante.

As respostas de *H* e *M*, no Rorschach, são representantes de aspectos associados a dimensões estáveis da personalidade e que, sem dúvida, concebem o nível do desenvolvimento, as identificações, as qualidades das relações interpessoais e os aspectos mais diferenciados da sociabilidade. Segundo Blatt e Lerner (1983), quanto mais severa a patologia do indivíduo, piores serão suas representações humanas, maior será o grau de dificuldade para manutenção do seu significado na representação do objeto. Desse modo, a ausência de movimento associa-se à ausência de representações humanas inteiras, o que coloca em evidência as falhas do registro da representação de si, os conflitos na conformação da própria identidade, a falta de habilidades empáticas e de um maior comprometimento psicológico.

As elevações das respostas *Fd* podem ser decorrentes da tendência dos pedófilos à dependência imatura. Já sobre a elevação das respostas de textura *Sum T*, apenas na primeira aplicação do Rorschach, destaca-se que estes indivíduos, em geral, possuem padrões potenciais diferentes de ligação enfraquecidos/não-saudáveis, e podem exibir tanto protocolos com um elevado número de respostas de textura, que reflete necessidade de contato interpessoal relevante, quanto com ausência destas respostas, o que sugere sentimentos de esquiva e desconforto na proximidade interpessoal (Exner e Sendín, 1999).

Considerando as características do quadro *borderline* e do sujeito deste estudo, que busca tratamento em decorrência da denúncia do abuso, do processo de acusação judicial, e de seu afastamento familiar, entende-se que esses fatores podem ter incrementado seus sentimentos disfóricos e de autodepreciação. Com isso, observa-se um incremento da busca de contato e, conseqüentemente das respostas de textura ($T=2$). Por outro lado, após 11 meses de tratamento, no reteste, entende-se que as suas dificuldades de vinculação primária e a falta de condições de aprender que sua mente não espelha concretamente o mundo, faz com que a relação terapêutica fique impregnada por rupturas, traduzindo-se no distanciamento e conseqüentemente, na ausência de respostas textura ($T=0$). Pode-se supor ainda, que a proximidade de seu encarceramento tenha também contribuído para a exacerbação de seus sentimentos persecutórios e o seu afastamento.

No ajustamento perceptivo, são notáveis os escores elevados das respostas que violam a realidade $X-\%$ e o rebaixamento das respostas de qualidade formal convencional $X+\%$. As dificuldades no teste de realidade parecem contribuir para que o indivíduo desse estudo perceba erroneamente os eventos, forme impressões equivocadas das pessoas e da significância

de suas ações. Além disso, associadas às respostas de conteúdo mórbido *MOR*, revelam projeções de conotação negativa e de auto-desvalia. Sendo assim, as respostas de formas distorcidas denotaram dificuldades em relação à autopercepção e a autoimagem que se mantiveram constantes, a despeito do intervalo de tempo entre as aplicações.

Nas variáveis que mensuram o autocontrole e a pressão dos estímulos internos verifica-se que os escores das respostas de movimento animal *FM* e de movimento inanimado ($m=6$) no teste e no reteste, permanecem elevados. As respostas *FM* indiciam condições mais primitivas e arcaicas da personalidade, e em adultos pode estar relacionada a aspectos imaturos e infantis da personalidade. Neste caso, diferentemente de outros estudos (Exner, 1974, Exner e cols., 1978) a estabilidade temporal destes indicadores pode estar evidenciando um traço, uma característica peculiar do participante.

Além disso, o excesso de respostas de movimento animal e de movimento inanimado *FM+m* pode denotar a presença de uma ideação periférica, de uma sobrecarga interna, de pensamentos não deliberados, que fazem pressão e invadem a mente. É possível considerar que isso esteja fortemente presente na vida do sujeito desse estudo quando, também, ele relata que com o passar dos anos foi ficando cada vez pior a sua necessidade de tocar sexualmente sua filha. No reteste é possível observar que essas tensões não melhoraram, não havendo indícios de maior capacidade de elaboração.

As variáveis que expressam as capacidades de controle e tolerância ao *stress* *Notas D* e *AdjD* também demonstraram, pelo seu rebaixamento e pelos indicadores negativos, que em condições gerais há uma insuficiência de recursos para o enfrentamento das demandas cotidianas, diferente dos encontrados nos protocolos de indivíduos que vivem em cidades do interior no Brasil. Em ambos os momentos de exame psicológico o participante revelou as mesmas deficiências apresentadas, compatíveis com as características de personalidade de abusadores sexuais demonstradas na literatura pesquisada.

Por fim, as demais variáveis que evidenciaram coerência temporal referem-se a: produtividade ($R > 14$), atividade organizativa (*Zf*), estresse situacional ($C'+T+V+Y$), autoestima ($3r(2)/R$), estilo de vivência ($EB=M<W\text{Sum}C$), manejo do estresse ($EA<es$), modulação do afeto ($FC<CF+C$), flexibilidade na ideação e atitudes ($a<p$). Tais indicadores reforçam a tendência do sujeito a mesclar emoções com atividades cognitivas na resolução de problemas e um baixo controle dos impulsos em situações de estresse, além de passividade nas relações interpessoais. Esses dados

ratificam estudos prévios de estabilidade temporal do Rorschach (Exner, 1974; Exner e cols., 1978; Exner, 1988; Gronnerod, 2003, Sultan e Meyer, 2009) e revelam um estilo próprio do sujeito de resposta ao estímulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se partido do objetivo de verificar as características de personalidade de um indivíduo abusador sexual, sua similaridade com os dados de literatura e a estabilidade temporal dos indicadores no teste de Rorschach, foi possível ratificar os resultados dos aspectos psicológicos compreendidos nas hipóteses iniciais desse estudo e que qualificam os casos de pedofilia com o uso do Rorschach.

Os resultados apresentados constituem-se expressivos para as variáveis *MOR*, *H*, *M*, $X+\%$, $X-\%$, *m*, *FM*, *Nota D* e *AdjD* que podem ser úteis para elucidar as características típicas da personalidade de indivíduos pedófilos. Essas especificidades revelam: a) tendência à fragmentação na percepção de si e dos outros; b) autoimagem negativa e desfavorável em relação ao corpo e suas funções; c) problemas nas relações interpessoais, falhas na capacidade de empatia; d) *déficit* no ajustamento perceptivo da realidade com impressões equivocadas das ações e intenções alheias; e) vulnerabilidade a pressões subjetivas e impulsividade.

Esses achados apoiam igualmente a validade e fidedignidade do instrumento no teste-reteste. Ainda que se considere a insuficiência da psicoterapia para mudanças substanciais em 11 meses, os dados evidenciaram a presença constante de indicadores que sinalizam os atributos básicos de personalidade. Por fim, estima-se que outras pesquisas sejam realizadas, para que se possa responder com legitimidade as questões adversas que permeiam esse contexto.

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2003). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM IV TR* (4. ed., C. Dorneles, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Blatt, S.J., & Lerner, H. (1983). The psychological assessment of object representation. *Journal of Personality Assessment*, 47, 18-28. doi: 10.1207/s15327752jpa4701_2
- Bridges, M.R., Wilson, J.S., & Gacono, C.B. (1998). A Rorschach Investigation of defensiveness self-perception, interpersonal relationship, and affective states in incarcerated pedophiles. *Journal of Personality Assessment*, 70(2), 365-385. doi: 10.1207/s15327752jpa7002_13
- Deisher, R.W., Wenet, G.A., Paperny, D.M., Clark, T.F., & Fehrenback, P.A. (1982). Adolescent sexual offense behavior: the role of the physician. *Journal of Adolescent Health Care*, 2(4), 279-286.

- Erickson, W.D., Luxenberg, M. D., Walbek, N. H., & Seely, R. K. (1987). Frequency of MMPI two-point code types among sex offenders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 55*, 566-570. doi: 10.1037/0022-006X.55.4.566
- Exner Jr., J.E. (1974). *The Rorschach: A comprehensive system*. New York, Wiley.
- Exner Jr., J.E., (1988). Problems with brief Rorschach protocols. *Journal of Personality Assessment, 52*, 640-647. doi: 10.1207/s15327752jpa5204_4
- Exner Jr., J.E., & Sendin, C. (1999). *Manual de Interpretação do Rorschach para o Sistema Compreensivo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Exner Jr., J.E. (2003). *The Rorschach: A Comprehensive System*. Vol. I: Basic foundations. New York: Wiley & Sons.
- Exner Jr., J.E., Armbruster, G.L., & Viglione, D. (1978). The Temporal stability of some Rorschach features. *Journal of Personality Assessment, 42*(5), 474-482. doi: 10.1207/s15327752jpa4205_6
- Gacono, C.B., Meloy, J.R., & Bridges, M.R. (2000). A Rorschach comparison of psychopaths, sexual homicide perpetrators, and nonviolent pedophiles: where angels fear to tread. *Journal of Clinical Psychology, 56*(6), 757-777.
- Gronnerod, C. (2003). Temporal Stability in the Rorschach Method: A Meta-Analytic Review. *Journal of Personality Assessment, 8*(3), 272-293. doi:10.1207/S15327752JPA8003_06
- Grossman, L.S., Wasylwi, O.E., Benn, A.F., & Gyoerkoe, K.L. (2002). Can sex offenders who minimize on the MMPI conceal psychopathology on the Rorschach? *Journal of Personality Assessment, 78*(3), 484-501. doi: 10.1207/S15327752JPA7803_07
- Hall, G.C.N. (1996). *Theory-based assessment treatment, and prevention of sexual aggression*. New York: Oxford University Press.
- Hall, G.C.N., Graham, J.R., & Shepard, J.B. (1991). Three methods of developing taxonomies of sexual offenders. *Journal of Personality Assessment, 56*, 2-13. doi: 10.1207/s15327752jpa5601_1
- Hall, G.C.N., Shepard, J.B., & Mudrak, P. (1992). MMPI taxonomies of child sexual and nonsexual offenders: A cross-validation and extension. *Journal of Personality Assessment, 58*, 127-137. doi: 10.1207/s15327752jpa5801_12
- Jimenez Etcheverría, P. (2009). Caracterización Psicológica de un Grupo de Delinquentes Sexuales Chilenos a través del Test de Rorschach. *Psykhé* [online]. 2009, 18(1), 27-38. doi:10.4067/S0718-22282009000100003
- Marshall, W.L., & Barbaree, H.E. (1990). An integrated theory of the etiology of sexual offending. In W.L. Marshall, D.R. Laws & H.E. Barbaree (Eds.), *Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of sex offenders* (pp. 257-275). New York: Plenum Press.
- Marschall, W.L., Hudson, S.M., & Hodgkinson, S. (1993). The importance of attachment bonds in the development of juvenile sex offending. In H.E. Barbaree, W.L., Marshall, & S.M. Hudson (Eds.), *The juvenile sex offender* (pp. 164-181). New York: Guilford Press.
- Marques, J.K., & Nelson, C. (1989). Elements of high-risk situations for sex offenders. In D.R. Laws (Ed.). *Relapse prevention with sex offenders* (pp. 35-46). New York: Guilford.
- Nascimento, R.S.G.F. (2002). Resultados de estudo normativo para o sistema compreensivo do Rorschach: Um estudo para a cidade de São Paulo. *Psico-USF, 7*, 121-135. doi: 10.1590/S1413-82712002000200002
- Overholser, C., & Beck, S. (1986). Multimethod assessment of rapists, child molesters, and three control groups on behavioral and psychological measures. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*, 682-687. doi: 10.1037/0022-006X.54.5.682
- Pasqualine-Casado, L., Vagostello, L., Villemor-Amaral, A.E., & Nascimento, R.G. (2008). Características da personalidade de pais incestuosos por meio do Rorschach, conforme o Sistema Compreensivo. *Psicologia Reflexão Crítica* [online], 21(2). 293-301. doi: 10.1590/S0102-79722008000200015
- Rodríguez, E.E., & Fernández-Sastrón, O. (2000). Aspectos psicopatológicos de la agresión sexual: antecedentes y una revisión sobre las nuevas líneas de investigación. *Psicopatología clínica legal y florense, 1*(0), 35-57.
- Rossetto, M. A. C., & Schubert, R. (2000). Pedofilia – estudo de caso. *Psikhê: R. Curso Psicol. Cent. Univ. FMU, São Paulo, 5*(1), 60-69.
- Saunders, E., Awad, G.A., & White, G. (1986). Male adolescent sexual offenders: the offender and the offense. *Canadian Journal of Psychiatry, 31*(6), 542-549.
- Segal, Z.V., & Marshall, W.L. (1985). Heterosexual social skills in a population of rapists and child molesters. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 53*, 55-63. doi: 10.1037/0022-006X.53.1.55
- Stermac, L.E., & Quinsey, V.L. (1985). Social competence among rapists. *Behavioral Assessment, 18*, 171-185.
- Sultan, S., & Meyer, G. (2009). Does Productivity Impact the Stability of Rorschach Scores? *Journal of Personality Assessment, 91*(5), 480-493. doi: 10.1080/00223890903088693
- Tardif, M., & Van-Gijseghe, H. (2001). Do pedophiles have a weaker identity structure compared with nonsexual offenders? *Child Abuse and Neglect, 25*(10), 1381-1394.
- Tingle, D., Barnard, G. W., Robins, L., Newman, G., & Hutchinson, D. (1986). Childhood and adolescent characteristics of pedophiles and rapists. *International Journal of Law and Psychiatry, 9*(1), 103-116.
- Williams, L.M., & Finkelhor, D. (1990). The characteristics of incestuous fathers: A review of recent studies. In W.L. Marshall, D.R. Laws, & H.E. Barbaree (Eds.), *Handbook of sexual assault: Issues, theories, and treatment of the offender* (pp. 213-255). New York: Plenum.

Recebido em: 05.11.2012. Aceito em: 17.09.2013.

Autores:

Silvana Alba Scortegagna – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS.
Anna Elisa de Villemor-Amaral – Universidade São Francisco, Itatiba, SP.

Endereço para correspondência:

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Envelhecimento Humano
Universidade de Passo Fundo – Campus I – São José
BR 285 Km 171 – Cx. Postal 611
CEP 99052-900, Passo Fundo, RS, Brasil
Tel.: (54) 3316-8330 – (54) 9176-3784
E-mail: silvanalba@upf.br